

Webaula: considerações sobre o gênero à luz do Interacionismo

Sociodiscursivo

Mônica Thais Cordeiro da Silva ¹
Elisa Cristina Ferreira Amorim ²

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma discussão acerca do evento webaula e suas características com base nos preceitos da teoria do Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart (2006). Fundamentamos teoricamente esta pesquisa com os estudiosos Afonso et. al (2005), Machado (2005) e Cristovão & Nascimento (2011). Como objetivos desse artigo temos como objetivo geral entender como o evento comunicativo aula desenvolve sua finalidade comunicativa no contexto da web de acordo com o Interacionismo de Bronckart, e como objetivos específicos: 1) descrever os conceitos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) relacionados aos mecanismos de análise dos gêneros; 2) analisar os níveis sociológico e psicológico de uma webaula de pós-graduação lato sensu à luz do ISD. A metodologia desse trabalho dispõe de uma pesquisa qualitativa (BAUER & GASKEL 2002). Como corpus de análise selecionamos uma webaula do curso de Pós-graduação lato sensu em Linguagem e Práticas Sociais da disciplina de Literatura e Contestação no Instituto Federal de Pernambuco-Campus Garanhuns. Como resultados entendemos como os sujeitos adaptam o funcionamento psicológico em um novo esquema semiótico e social e concluímos que a webaula insurge como uma nova atividade sobre as ações de linguagem dos agentes. Além disso, pudemos observar a presença de discursos mistos, interativo e teórico como predominantes na *webaula*, como também a prevalência de sequências discursivas explicativas seguidas de intercalações narrativas, argumentativas e dialogais.

Palavras-chaves: Atividade de Linguagem, Interacionismo Sociodiscursivo, Webaula.

INTRODUÇÃO

A pandemia do novo coronavírus, vivida globalmente a partir de 2020, mudou a forma como vivemos em comunidade. O alto índice de isolamento trouxe um afastamento do mundo físico e do contato com outras pessoas. Entretanto, podemos dizer que isso não diminuiu nossa interação social. O *homeoffice* e o ensino remoto, apesar de não serem novidades para o universo digital, passaram a ser verdadeiros salva-vidas, no que diz respeito à continuação da vida em período de quarentena. Contudo, o processo de ensino-aprendizagem teve que se remodelar a todo custo frente às circunstâncias, e esses novos hábitos se impuseram, sem aviso

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Especialista em Linguagens e Práticas Sociais pelo Instituto Federal de Pernambuco- Campus Garanhuns (IFPE-CG), graduada em Licenciatura em Letras- Português e Inglês pela Universidade Federal Rural de Pernambuco- Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG). monica.sct@professor.pb.gov.br,

² Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestra em Linguagem e Ensino e graduada em Letras pela mesma instituição. elisacristina@msn.com.

e sem o devido preparo, a professores e alunos, que passaram a se aventurar nesta modalidade educativa, que é o ensino remoto – modalidade que se aproxima, em certo sentido, da chamada Educação à Distância (EAD).

Desse modo, a justificativa para este trabalho reside na necessidade de investigação e reflexão científica sobre a educação neste período crítico, que afeta todas as etapas do sistema educacional. Dessa forma, este artigo tem como objetivo geral entender como o gênero aula desenvolve sua finalidade comunicativa no contexto da *web*, de acordo com o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) de Bronckart (2006), e como objetivos específicos: 1) descrever os conceitos do ISD relacionados aos mecanismos de análise dos gêneros; e 2) analisar os níveis sociológico e psicológico de uma *webaula* de um curso de pós-graduação *lato sensu* à luz do ISD.

METODOLOGIA

Este trabalho se fundamenta nos pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) de Bronckart (1999/2012 *apud* Machado, 2005) e desenvolve uma pesquisa de caráter qualitativo, que evita números e lida com interpretações das realidades sociais (Bauer & Gaskel, 2002, p. 22). Desse modo, como *corpus* deste trabalho escolhemos uma *webaula* do curso de Pós-graduação *lato sensu* em Linguagens e Práticas Sociais pelo Instituto Federal de Pernambuco- Campus Garanhuns (IFPE-CG) da disciplina Literatura e Constestação.

Dessa forma, escolhemos a aula número 5 em um cronograma de aulas composto por 6 encontros, que aconteceram pela plataforma *Google Meet* nos dias 09/10, 14/09, 16/09, 21/09, 23/09, 28/09, tendo a referida aula acontecido no dia 23/09/2020.

No que diz respeito à análise, para esta amostra analisamos o nível sociológico da materialização da linguagem, apreciamos as operações de contextualização (contextos físicos e sociais), como também nos atentamos ao nível psicológico nas operações de textualização, buscando identificar as operações de planificação (tipos de discurso/sequências) e as operações de constituição de estratégias discursivas (modalização) que foram mobilizadas durante a produção do gênero *webaula*.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) é uma vertente teórica incorporada das ciências humanas à linguagem a partir da chamada Escola de Genebra, extensivamente

conhecida no Brasil por meio dos trabalhos de Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz, e especialmente dedica à didática das línguas em contexto franco-suíço (Machado, 2005). Fundamenta-se, assim, nos postulados da psicologia social de Vygotsky e na abordagem dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin. No Brasil, o ISD é uma das perspectivas do estudo de gêneros mais conhecidas³, devido a sua influência nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na didatização de gêneros, nos diferentes níveis de ensino, por meio do procedimento *sequência didática* (Dolz *et. al.*, 2004).

Sob essa ótica, no dizer de Bronckart (1996 *apud* Cristovão & Nascimento, 2011), os textos concretizam ações semióticas (ações de linguagem). A análise dessas ações deve ocorrer a partir da investigação das operações psicológicas e comportamentais em produções de gêneros, levando-se em consideração o contexto. A propósito, a noção de contexto defendida por Bronckart avalia as condições externas à produção do texto, que influenciam nas ações de linguagem. Desse modo, para o ISD, a ideia de gênero vem para substituir a ideia de “tipo de texto”, pois os gêneros intermedeiam o sujeito e a situação de comunicação (Schneuwly, 2004 *apud* Machado, 2005); sendo assim, essa categoria torna-se mais abrangente, indo além do entorno da materialização textual. Entretanto, a ideia de “tipos de texto” não foi por completo abandonada, mas atualizada para a ideia de “tipos de discurso”, passando-se a compreender que:

Os ‘tipos de discursos’ são materializações linguísticas dos ‘mundos virtuais’, ou mundos discursivos, que são construídos em qualquer produção verbal. A sua construção se baseia em operações de linguagem que devem ser descritas, assim como os modos de se articularem entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos que conferem ao texto a sua coerência sequencial. (Afonso *et al*, 2005, p. 4).

De acordo com Bronckart (2006), os tipos de discurso, de modo geral, se subdividem nas ordens da narração, do relato, do discurso interativo e do discurso teórico; estes mundos discursivos apresentam variações e características mistas, podendo ainda um se fundir com outro no ato de produção. Como forma de planificação dos conteúdos (Bronckart, 2003, *apud* Machado, 2005), os gêneros apresentam sequências que ao focalizarem o propósito comunicativo organizam e representam no mundo discursivo os elementos do mundo ordinário

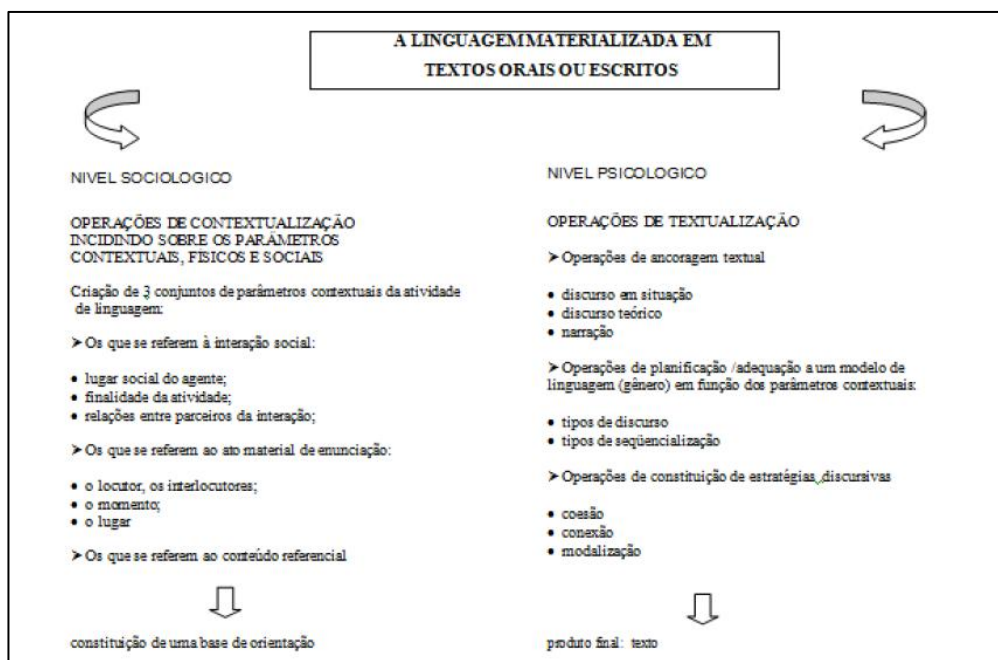
³ A propósito, sublinhamos que os estudos de gêneros ramificam-se em diferentes “escolas”, a exemplo das abordagens do Inglês para Fins Específicos (ESP) ou “escola britânica”, dos Estudos Retóricos de Gêneros (ERG) ou “escola norte-americana”, da Linguística Sistemico Funcional (LSF) ou “escola australiana”, da Análise Dialógica do Discurso (ADD) ou vertente bakhtiniana, do paradigma das Tradições Discursivas (TD), da Análise Crítica de Gêneros (ACD), dentre outras. Conjectura-se, inclusive, uma “escola brasileira de gêneros” (Araújo, 2021; Bezerra, 2017; Bawarshi & Reiff, 2013). Como disse XXXX (2020, p. 16), “curiosamente elas não se excluem, muito menos podem ser vistas de uma maneira taxonomicamente fechada. Contrariamente, elas dialogam entre si, embora muitas vezes apresentem terminologias flutuantes”.

através da narração, da descrição, da explicação, da injunção e do diálogo. As sequências inseridas dentro dos tipos de discurso nos textos podem aparecer ou não, como também estarem sozinhas ou relacionadas a outras sequências.

Deste modo, os modelos de análise do ISD devem compreender as operações no nível sociológico – que envolvem as operações de contextualização que ocorrem nos aspectos contextuais físicos e sociais da atividade de linguagem – e no nível psicológico. Em relação ao nível sociológico, o que se refere à interação social são o lugar social do agente, a finalidade da atividade e as relações entre os parceiros da interação; já os que se referem ao material da enunciação são o locutor, o interlocutor, o momento e o lugar; e os que se referem ao conteúdo referencial estão relacionados à base de orientação do enunciado.

No nível psicológico, estão compreendidas as operações de textualização, que se dão por meio da ancoragem textual – que situam o discurso em situação, o discurso teórico e a narração –; das operações de adequação a um determinado gênero a partir dos parâmetros contextuais – que são os tipos de discurso e os tipos de sequencialização –; e das operações de constituição de estratégias discursivas – que são a coesão, a conexão e a modalização –, como mostra a figura 1.

Figura 1: A Linguagem materializada em textos orais ou escritos



Fonte: Cristovão & Nascimento (2011, p. 32).

Para a análise das categorias apresentadas, tomamos a *webaula* como um gênero. A propósito, Silva (2011), preocupado com a concepção de aula como gênero ou evento

comunicativo, apoiando-se em Marcuschi, defende que a aula é um evento comunicativo que acontece por meio de um gênero, o qual agrega outros gêneros em sua realização, ou seja: ‘O evento é marcado por um conjunto de ações e o gênero é ação linguística praticada recorrente em situações típicas marcadas pelo evento’ (MARCUSCHI, 2008, p. 163). O propósito do gênero aula é dar forma ao processo de ensino e aprendizagem, é mostrar como conduzir esse evento, ‘[...] pois cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação’ (MARCUSCHI, 2008, p. 150). (SILVA, 2011, p. 50).

Nesse sentido, concordamos com a perspectiva do autor. Indo além, ao tomarmos a *webaula* como um gênero, sustentamos que isso se justifica em razão da especificidade dessa prática discursiva, uma vez que existem outros tipos de aula (aula expositiva, aula magna, aula prática, aula seminário, aula espetáculo, dentre outras). Nesse sentido, a aula enceta, de fato, uma *constelação de gêneros* (Araújo, 2021), categoria que não exploraremos aqui, visto que não faz parte do escopo deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em se tratando da análise da *webaula* mencionada, no que se refere ao primeiro aspecto da interação social no **nível sociológico**, a mudança do espaço físico para o espaço virtual apresenta diferenças significativas a respeito da situação da ação de linguagem dos produtores envolvidos no gênero aula em muitas das categorias de análise. Rotineiramente, as aulas do curso são ministradas presencialmente na sala 9 do bloco C da instituição, com quadro-branco, *datashow*, carteiras e os demais elementos que constituem uma sala de aula prototípica de rede pública; com a mudança da aula presencial para a *webaula*, cada estudante transformou sua própria casa em um ambiente da sala de aula, que agora se dá por meio da plataforma *Google Meet*, cujo acesso é fechado aos estudantes do curso de pós-graduação. Ademais, num plano mais amplo, as práticas de linguagem respondem às necessidades sociais; em outros termos, toda essa conjuntura se explica pelas exigências impostas pelos órgãos de controle sanitário, em função da pandemia do COVID-19, e pela autorização do Ministério da Educação (MEC), que sugeriu o ensino remoto como alternativa às aulas presenciais.

Sobre o **lugar social dos agentes**, podemos dizer que a professora, no papel de pessoa institucionalmente autorizada com competência teórica e prática para a área da disciplina, conduz os demais agentes para a exposição de suas apresentações orais. Já os alunos, na posição

de aprendizes ativos, expõem e discutem, com seus pares e para a professora, as ideias que estudaram acerca dos assuntos previamente estabelecidos. Portanto, são agentes que se posicionam a partir de diferentes lugares de fala.

Em relação à **finalidade da atividade**, entendemos que a aula *online* apresenta uma alternativa emergencial, em função da pandemia, ao que inicialmente deveria acontecer de forma presencial. Desse modo, a *webaula* tem um propósito de poder reunir virtualmente, como em uma sala de aula real, os sujeitos envolvidos (professora e estudantes) em um contexto de aprendizagem via internet. Por conseguinte, o foco é o debate e a construção do conhecimento de forma crítica, já que se trata de uma aula em um curso de pós-graduação.

No que diz respeito às **relações entre parceiros da interação**, a aula constituiu-se a partir de três seminários nos quais os estudantes, no lugar de **locutores**, expunham suas reflexões acerca de um texto teórico escolhido pela professora e sorteado para o grupo. No momento da apresentação, os demais estudantes, na posição de **interlocutores**, poderiam tomar o turno dos colegas para realizar observações (apesar da liberação pela docente, este aspecto não foi observado com frequência). O primeiro grupo (G1) fez sua apresentação em 40 minutos, o segundo (G2) e terceiro grupo (G3) fizeram em 35 minutos cada um. Neste meio tempo, a professora fazia observações e reflexões sobre as exposições dos integrantes do grupo, consubstanciando a interação.

Sobre o **momento** e o **lugar da interação**, podemos apontar que a duração das aulas virtuais síncronas era de 2h, como deliberado, teoricamente, se iniciando às 19h00 e indo até as 21h00. Dessa forma, para atender à duração da aula, a orientação dada foi a de que os grupos deveriam se apresentar em no máximo 20 minutos, para que, no restante do tempo, todos pudessem discutir os temas abordados. Entretanto, o tempo de apresentação dos grupos superou as expectativas e este momento de interação acabou não acontecendo de forma ampla como foi inicialmente planejado. Ademais, cada um dos agentes estava em locais físicos diferentes, interligados via internet no gênero aula; assim, muitas vezes a comunicação foi interrompida por fatores tecnológicos – como a falha de conexão –, o que encurtou o tempo dos grupos.⁴

No que tange às operações em **nível textual**, no quesito da **ancoragem textual**, percebemos que as reflexões e a conversação durante o tempo da aula se mobilizaram em torno do **discurso teórico**, que versava sobre a literatura marginal e sobre o ponto de vista dos textos

⁴ Os alunos com problemas de conexão podiam acessar o conteúdo da aula, *a posteriori*, através da gravação disponibilizada no *Google Classroom*.

em contraposição com outras produções e com a realidade dos locutores e seus respectivos pontos de vista. Apesar do aspecto dialogal dar-se de modo informal na modalidade oral, entendemos que o que imbrica toda a discussão é o discurso teórico, como podemos ver na interação de um participante do grupo um (P1)⁵ com a professora (P2):

P1: Outra inquietação que me veio muito que veio à tona foi... eu acho que hoje em dia tanto é que eu coloquei lá no início dos slides sobre essa questão do 'opa, será que estão tão a margem assim essa galera, sabe?' Porque, bem, beleza dado sua origem suas vivências ok, mas a gente tem que perceber que hoje em dia lógico que muita coisa tem que ser quebrada e muita coisa tem que mudar ainda, mas há 5 anos atrás você não via mulheres trans ocupando determinados cargos midiáticos sobretudo a gente não ouvia a voz da população negra enquanto da forma que está ecoando não está tão a margem assim... eu não tô usando... assim toda linguagem, não só literatura que eu quero evidenciar, mas a, eu acho que o termo 'marginal' professora hoje em dia eu acho não, que ele não comporta.

P2: Hoje ele é só uma nomenclatura, e assim, é utilizado mais pra separar o que está dentro dos grandes centros, no caso dos centros literários e o que não está lá porque não se deixa entrar...

P1: Sim, mas assim eu acho que, eu discordo da senhora quando a senhora diz não está, porque o correto seria que está nos grandes centros, eu acho que essa galera só não está ainda ocupando posições privilegiados, sabe? Eu acho que está galera está ocupando, assim à força, mas ainda não estão em posições tão privilegiadas. Eu convido vocês a perceber que o termo 'marginal' poderia ser substituído por literatura ou arte marginalizada e não marginal, sabe? Porque existe um processo aí de onde está vindo esse movimento pra essa nomenclatura de literatura marginal.

P2: Com certeza!

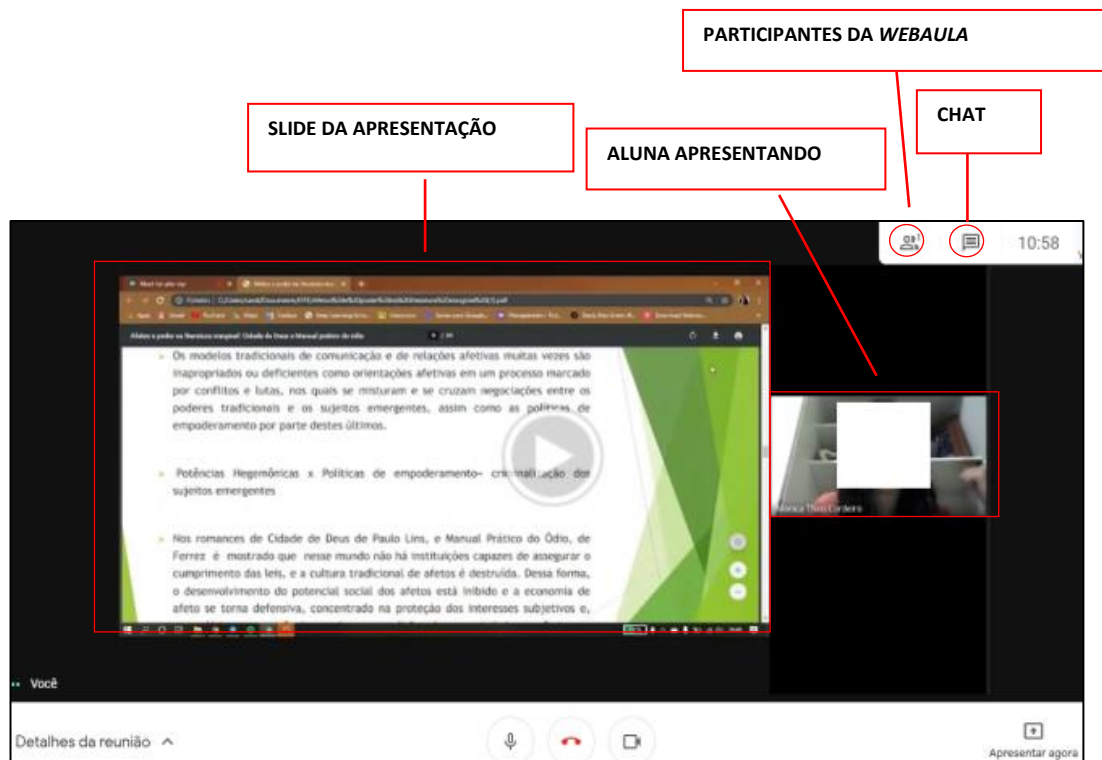
No que se refere à adequação ao gênero *webaula*, o conteúdo analisado apresenta **operações de planificação** com tipo de discurso misto, interativo e teórico, pois o referido gênero apresentou como principal componente o seminário, sendo a aula de caráter interativo e o seminário expositivo, muito embora este se imbrique àquela no contexto acadêmico-pedagógico. Do ponto de vista das **sequências**, a *webaula* apresentou mais sequências explicativas, por meio de orações subordinadas iniciadas pela conjunção “porque” com intercalações narrativas, argumentativas e dialogais nas exemplificações dos textos literários, na defesa do ponto de vista dos autores e nas interações entre os interlocutores no momento da atividade, como pudemos ver no trecho da interação entre (P1) e (P2).

No **aspecto multimodal** do texto na internet, pudemos destacar que a modalidade oral da língua parece ter sido favorecida com os vários recursos a favor da comunicação e da estruturação do gênero *webaula*; no entanto, as fronteiras entre o oral e o escrito precisam ser ponderadas, uma vez que são bastante tênues. Como por exemplo: a possibilidade de apresentação de *slides* em tempo real; o uso da voz por meio do microfone; a exposição da

⁵ Para designar os sujeitos da pesquisa, adotamos a abreviatura P = Participante, seguida de um algarismo arábico que indica uma sequência numérica em ordem crescente.

imagem pessoal, por intermédio da câmera; e a utilização do *chat* entre os interlocutores, que acrescentou algo de positivo ao debate do tema, sem necessariamente interferir no turno de fala no locutor/apresentador, como podemos ver na ilustração da figura 2:

Figura 2: Print de *webaula* na plataforma *Google Meet* em 23.10.2020



Fonte: Acervo da pesquisa.

Todos os aspectos destacados na figura 2 se aproximaram, de certo modo, aos do gênero aula na realidade física, mas com ferramentas digitais diversas que influenciaram no engajamento enunciativo dos sujeitos e, logo, no produto final: a *webaula*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, compreendemos que a pandemia do novo coronavírus impôs uma série de “novas” práticas sociais, o que incidiu em “novas” atividades de linguagem; a bem dizer, houve uma adaptação ou um reenquadre da aula presencial para o suporte digital, o que só foi possível, nestes moldes, graças à plataforma *Google Meet*. A partir da breve análise do gênero *webaula*, entendemos como os sujeitos adaptam o funcionamento das interações do nível psicológico e



do nível textual em um novo esquema semiótico e social. Percebemos, assim, como uma nova atividade insurge sobre as ações de linguagem dos agentes.

Do ponto de vista da arquitetura textual do gênero descrito, percebemos as limitações desta análise do ponto de vista da infraestrutura e dos processos isotópicos, devido à natureza do gênero e da extensão desta apreciação; entretanto, pudemos ver não só os discursos misto, interativo e teórico como predominantes na *webaula* como também a prevalência de sequências discursivas explicativas seguidas de intercalações narrativas, argumentativas e dialogais.

De todo modo, acreditamos ter alcançado os objetivos traçados para esta pesquisa e, como aprendizado, observamos como o ISD nos auxilia no entendimento dos mecanismos de produção e interpretação das entidades verbais, tanto no plano contextual quanto no nível textual. Por fim, o estudo da linguagem como prática social, mediada pelo gênero, contribui para uma maior compreensão dos processos de transformação contínua dos agentes e dos fatos sociais.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, M.; TEIXEIRA, M. F.; SAITO, C. L. N. O interacionismo sociodiscursivo: orientação para a teoria dos gêneros. In: *Dasletras*. Anais... Rôlandia: Faculdade Paranaense (FACCAR). 2005. Disponível em: http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2005_g/2005/textos/025.html. Acesso em: 23 de out. 2020.
- ARAÚJO, J. **Constelação de gêneros**: a construção de um conceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- BAUER, M. V.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. Trad.: Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.
- CRISTOVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. **Gêneros textuais e ensino**: contribuições do interacionismo sociodiscursivo. In: Karwoski, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. cap. 2.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B. *et al.* **Gêneros orais e escritos na**



escola. Trad.: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordêiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. *In:* MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros:** teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. cap. 11.

SILVA, M. A. **Gênero aula expositiva de língua inglesa no curso de letras do CAMEAM.** 2011. Pau dos Ferros. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, Pau dos Ferros, 2011.